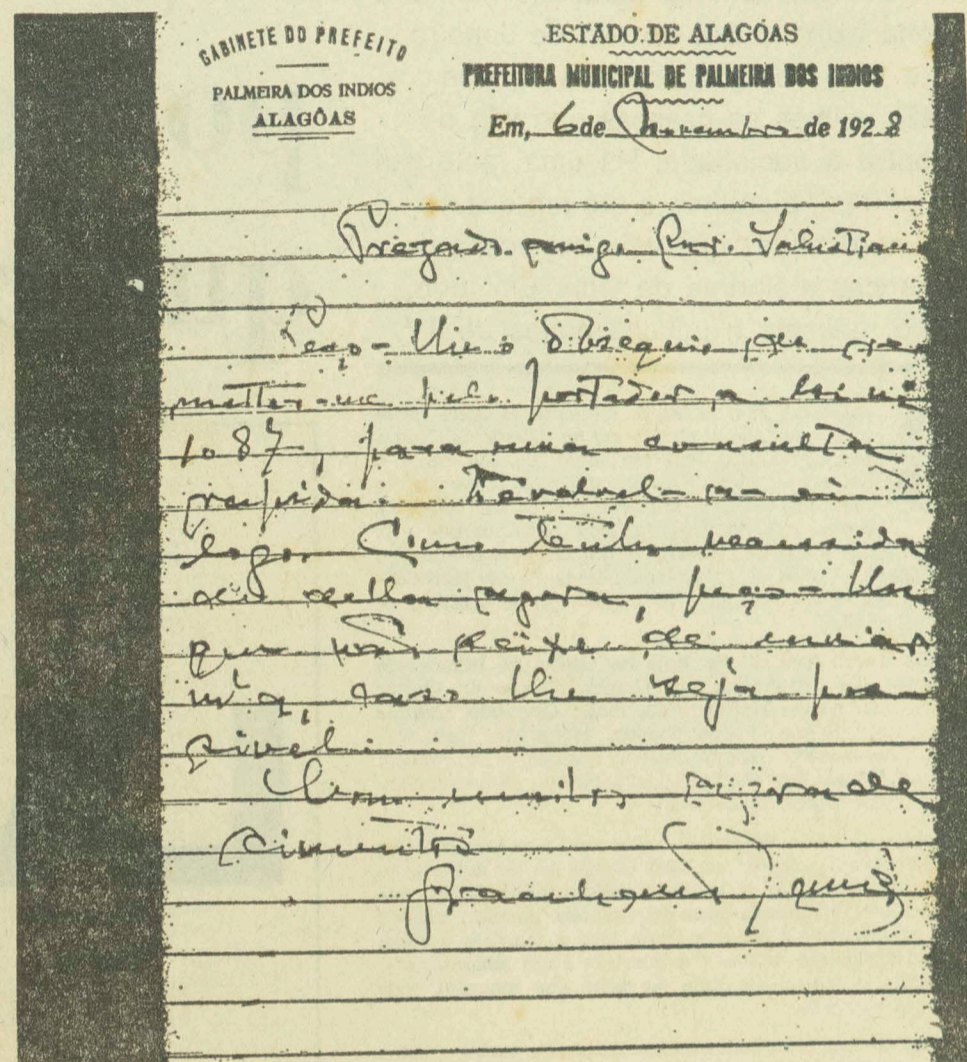
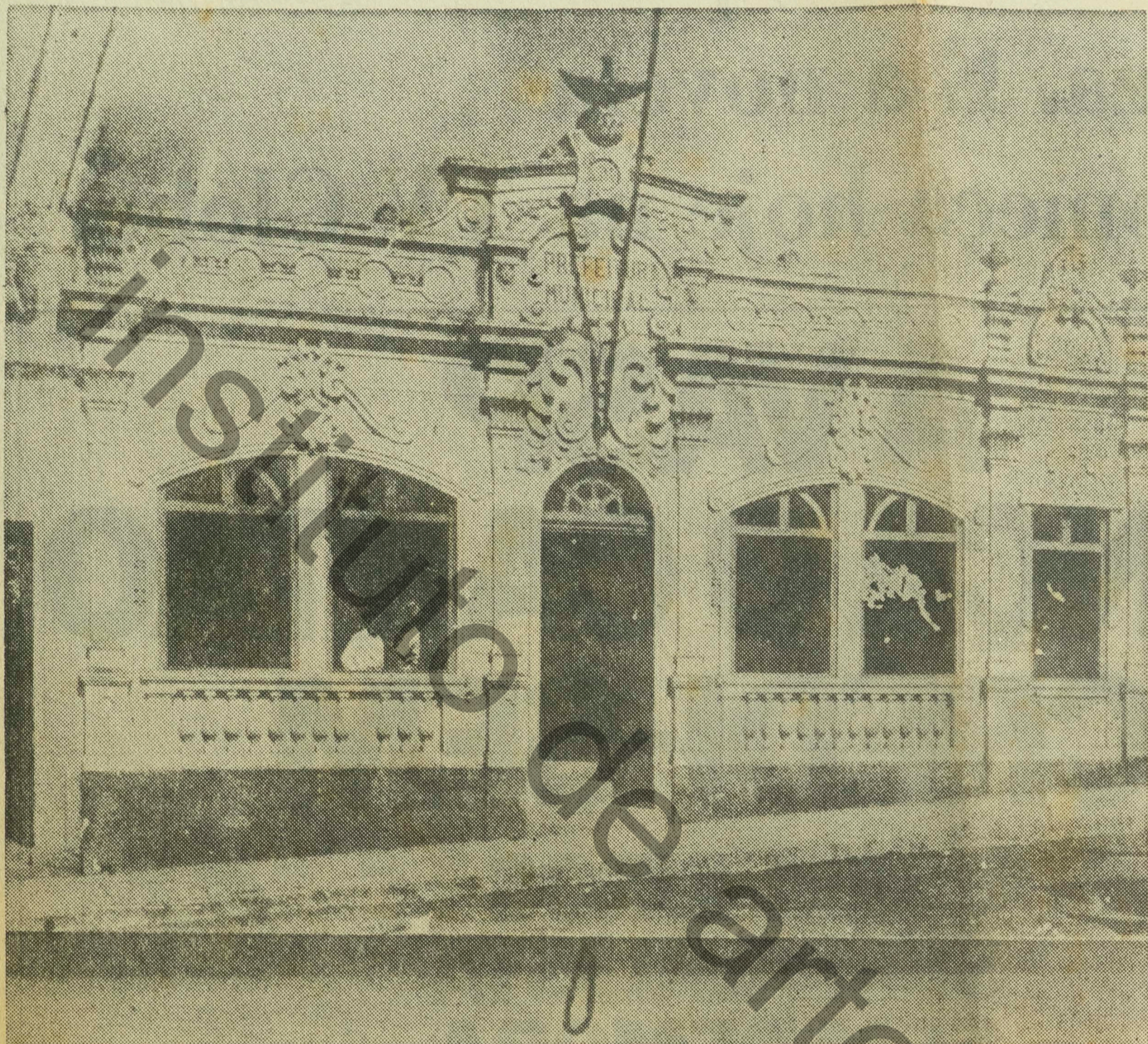


# GRACILIANO RAMOS



Hoje Graciliano Ramos completaria 79 anos. Para lembrar a data, a Biblioteca Estadual fez uma exposição sobre ele. Nestas duas páginas, um a recapitulação da vida do escritor. Seu tempo de prefeito em Palmeira dos Índios e dois depoimentos: o de Franklin de Oliveira e o da filha de Graciliano, Clarita.

**S**e estivesse vivo, Graciliano Ramos faria hoje 79 anos. Hoje se comemora também, no Brasil, o Dia do Escritor, mas é pura coincidência. Não houve a menor intenção de homenagem, embora poucos, neste país, tenham levado tão a sério, como ele, o ofício de escrever. Mais de 13 anos depois de sua morte, que foi profundamente lamentada, nos círculos culturais de quase todos os países do Ocidente, ainda não se fez um estudo crítico definitivo da obra do grande estilista de Vidas Secas e São Bernardo. Sua biografia também ainda está por ser escrita. A vida de Graciliano Ramos foi sempre um exercício contínuo de coerência e retidão. Em qualquer país, ele seria apresentado à juventude como um exemplo de intelectual, comprometido com a sua arte e com o seu povo. Graciliano Ramos foi sempre um escritor. Mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida, foi escrevendo que ele conseguiu os meios para a sua sobrevivência e a de sua família. A sua coerência e a sua retidão lhe custaram sempre muito caro. Mas, até seus princípios. Uma vida admirável e, apesar disso, ninguém ainda se animou a fazer um estudo biográfico dessa figura que, nas letras brasileiras, não tem paralelo como homem. E que, como artista, só houve um tão grande quanto ele, no nosso tempo: Guimarães Rosa.

### A VIDA

1892. Graciliano Ramos nasce em Quebrangulo, em Alagoas. O pai era fazendeiro e comerciante e ele o foi o primeiro de 15 filhos. Com apenas dois anos, a família foge para Buíque, em Pernambuco, onde, em 1898, o menino Graça aprende as primeiras letras. Em 1900, a família retorna a Alagoas e se fixa em Vicoça. Ai, com apenas 8 anos, Graça dirige um jornal para crianças — *Dilúcio*. Em 1904, é aluno interno do colégio do Professor Agnelo, em Maceió. Nessa época, ele publica os primeiros sonetos. Ele, que dizia não gostar de poesia, porque não tinha ouvido para ela. Os programas escolares, no Nordeste, nessa época eram, francos demais e não conseguiam satisfazer a inteligência do menino Graciliano. Ele queria mais do que os programas escolares ofereciam e, como não o conseguia, resolveu avançar sozinho. Começa

o seu esforço de autodidata, que só teve um exemplo semelhante, na história da Literatura Brasileira: Machado de Assis. Sozinho, Graciliano Ramos aprendeu latim, francês, inglês e italiano e se tornou um dos mais puros e elegantes prosadores da língua portuguesa, em todos os tempos.

Em 1910, ele está em Palmeira dos Índios, trabalhando numa das casas de comércio do pai. Seus primeiros trabalhos são escritos no balaço mesmo, em papel de embrulho. Em 1914, ele veio para o Rio, a fim de continuar seus estudos. Acaba como revisor do *CORREIO DA MANHÃ*, de *A Tarde* e o *O Século*. Ficou pouco tempo, porque, em 1915, um telegrama urgente o chamava de volta a Palmeira dos Índios. Era a comunicação da morte, em um só dia, de duas irmãs, um irmão e um sobrinho, além do estado grave da mãe e duas outras irmãs, todas vítimas de uma epidemia de peste bubônica. Em Palmeira dos Índios, ele começa a vida como comerciante e se casa pela primeira vez, com Maria Augusta de Barros, que morrera de parto, deixando-o com três filhos pequenos. Enquanto ganhava a vida com a sua Loja Sincera, ele colaborava também com o jornal *O Índio*, do Padre Macedo, e seu pseudônimo era J. Calixto. Em 1925, começa a escrever *Caetés*, seu primeiro romance publicado. 1927 marca o início de sua vida de educador: torna-se presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios. Depois, é a política. Em 7 de janeiro de 1928, torna-se prefeito de Palmeira dos Índios e se casa, pela segunda vez, com D. Heloisa de Medeiros. O ato religioso se realiza em Maceió, em 16 de fevereiro. O ato civil é em Palmeira dos Índios, em 20 de fevereiro. Desses casamentos, nascem três filhos. No dia 8 de janeiro, ele já tinha apresentado ao governador de Alagoas um relatório sobre a sua administração em Palmeira dos Índios. Um segundo relatório data de 11 de janeiro de 1930. A publicação de *Caetés* está ligada a esse segundo relatório. A história já é muito conhecida. Quando o relatório foi publicado, Augusto Frederico Schmidt, homem de muito bom gosto, ficou impressionado com a elegância do texto. Escreve, perguntando se o autor de tão bem escrito relatório não tinha algum romance na gaveta. Schmidt

tinha faro. *Caetés* já estava pronto e Graciliano já o havia destinado à fogueira. Resolve, porém, mandá-lo a Schmidt. Sai, então, a primeira edição sob a chancela de Schmidt Editor. Graciliano, mais tarde, diria o quanto estava arrependido de haver permitido a publicação de *Caetés*. Afirmou mesmo que o mais certo seria tê-lo queimado. Era o livro de que ele menos gostava.

Ainda em 1930, Graciliano deixa a Prefeitura de Palmeira dos Índios e muda-se para Maceió, onde vai ser diretor da Imprensa Oficial. Em 1931, já havia deixado o cargo e, em 1932, está de volta a Palmeira dos Índios. Escreve aí os capítulos iniciais de *São Bernardo*, que ele tem que interromper, por causa de uma doença grave, que o obriga a se internar no Hospital São Vicente de Paula, em Maceió, onde é operado. Ainda em 1932, ele conclui *São Bernardo*, após retornar a Palmeira dos Índios. 1933: é nomeado diretor da Instrução Pública em Alagoas. Revolucionou os métodos pedagógicos até então usados no Nordeste. *Caetés* é publicado e ele começa a escrever *Angústia*. Em 1934, sai a primeira edição de *São Bernardo*, pela Editora Ariel.

No dia 3 de março de 1936, Graciliano Ramos é preso em Maceió e trazido para o Rio de Janeiro. No mesmo mês, é demitido do cargo de diretor da Instrução Pública. Foram nove meses de prisão, que ele suportou com a dignidade de sempre. O saldo dessa experiência, cheia de privações e sofrimentos, foi a base para a sua *Memórias do Cárcere*, um documento da maior importância, em que toda a grandeza do homem Graciliano Ramos está presente em cada página. Ele estava ainda na prisão quando saiu a primeira edição de *Angústia*, em agosto de 1936, pela Editora José Olympio. E, ainda na prisão, não pôde receber o Prêmio Lima Barreto, que lhe foi conferido por *Angústia*, pela Revista Acadêmica.

Em 13 de janeiro de 1937, é posto em liberdade. Morava com toda a família, num quarto de pensão e, para sobreviver, escrevia, de madrugada, contos para jornais e revistas da época. Mesmo nesse tempo de grandes privações, ele não foi capaz de deixar de lado a sua preocupação com a qualidade de sua obra. Apesar das necessidades, ele não "fabricava" contos. Encontrou forças pa-

ra não deixar de lado o seu ideal de artista, que tinha um profundo respeito pela arte e pelos homens a quem a sua arte se dirigia. Em maio de 1937, a *Revista Acadêmica* lhe dedica um número especial, com treze artigos e retratos seus pintados por Portinari, seu grande amigo, e Adami. Esse número da *Revista Acadêmica*, hoje, é uma raridade. Em 1938, sai aquela que seria a mais famosa de todas as suas obras de ficção — *Vidas Secas*, considerada um exercício de estilo como poucos há na língua portuguesa. Essa obra, ao lado de *São Bernardo*, coloca Graciliano Ramos entre os principais prosadores da língua portuguesa, em todos os tempos. Em 1939, sai *A Terra dos Meninos Pelados*, pela Editora Globo.

Em 27 de outubro de 1942, uma grande festa comemora o seu 50.º aniversário. Num jantar no Lido, ele recebe o Prêmio Felipe de Oliveira, no valor de Cr\$ 5 mil, pelo conjunto de sua obra.

Em 1944, sai a primeira edição de *Histórias de Alexandre*, pela Editora Leitura. Em 1945, sai *Angústia*, em Montevideu, pela Editorial Independência. E, em 18 de agosto de 1945, Graciliano Ramos ingressa no Partido Comunista Brasileiro, então, na legalidade. Publica *Infância*, pela José Olympio. E *Dois Dedos*, uma edição de luxo, pela Editora M. M. Em 1946, sai *Histórias Incompletas*, pela Globo. E *Angústia* é editada por Alfred A. Knopf, em Nova York. *Vidas Secas*, em 1947, é editada em Buenos Aires. Em 1948, é a vez de *Infância*, pelas Edições Siglo Veinte. Em 1950, ele participa do 3.º Congresso de Escritores, realizado em Salvador. E traduz *A Peste*, de Albert Camus, publicado pela Livraria José Olympio. *Vidas Secas* é publicada em Varsóvia, pela Czytelnik. Em 1951, Graciliano é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, e publica *Sete Histórias Verdadeiras*, pela Editorial Vitória. No dia 25 de outubro, participa do 4.º Congresso de Escritores, realizado em Porto Alegre. Em 21 de abril de 1952, aproveitando o convite para as

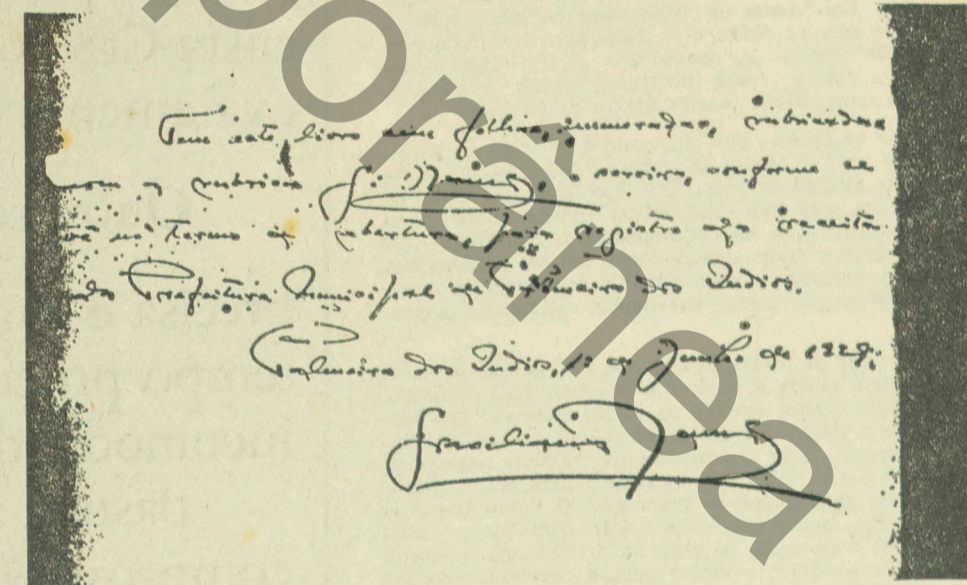
comemorações do centenário de Victor Hugo, em Paris, ele parte com D. Heloisa para a Europa, numa longa viagem que iria terminar na Rússia. Em 16 de junho, ele regressa ao Brasil, muito abatido. E, em seguida, adocece gravemente. No dia 13 de setembro, ele, a esposa e a filha mais nova, Clarita, embarcam para Buenos Aires, em busca de tratamento. Em 19 de setembro, é operado sem esperança de êxito pelo médico particular de Eva Perón. Era o câncer e o médico deu três meses de vida. Em Buenos Aires, toda a classe cultural da Argentina dispôs a Graciliano Ramos e sua família as maiores atenções. Em 5 de outubro, ele volta ao Rio. No dia 27 de outubro de 1952, as comemorações pelo seu 60.º aniversário se sucedem, mas Graciliano, doente, está ausente de todas. Na Câmara Municipal do Rio, numa grande solenidade, discursam José Lins do Rego, Jorge Amado, Haroldo Bruno, Afonso Félix de Souza, Jorge de Lima, Ari de Andrade, Peregrino Júnior. Quem agradeceu as homenagens foi a filha caçula, Clarita Ramos.

No dia 25 de janeiro de 1953, Graciliano é internado na Casa de Saúde e Maternidade São Vitor, em Botafogo. No dia 20 de março, ele morre, às 5h35min da manhã. No mesmo ano, *Memórias do Cárcere*, um dos maiores momentos da literatura memorialista na língua portuguesa — e um documento humano contra a intolerância e a tirania dos mais importantes que se conhecem — são editadas, em quatro volumes, pela Editora José Olympio.

As obras de Graciliano Ramos, ainda ele vivo, foram traduzidas em quase todos os países ocidentais e em muitos países da Ásia. Ainda hoje, as traduções se sucedem e nem a família do escritor tem estatísticas atualizadas a esse respeito. *Vidas Secas* foi adaptada para o cinema, resultando num dos mais belos filmes já feitos no Brasil, dirigido por Nelson Pereira dos Santos e exibido em quase toda a Europa. Agora, será a vez de *São Bernardo* ir para as telas.



Graciliano recebe o Prêmio Felipe de Oliveira, em 1942.



Térmo da Prefeitura de Palmeira dos Índios, na letra de Graciliano.



Graciliano no Tiro-de-Guerra, em Palmeira dos Índios, 1911.